

Verlaine, Kahn, Moréas, etc.).

Disse 1886; e 1886 é precisamente uma data muito decisiva para o conhecimento da obra de Rimbaud (assim como foi a do manifesto simbolista de Moréas). A partir de Abril, a revista *La Vogue*, dirigida por Gustave Kahn, divulga-lhe importantes inéditos, desde o longo poema «Les Premières Communions» a «Les Illuminations», e ainda a praticamente desconhecida «Une Saison en Enfer». A fama do poeta cresce, e com ela o «mistério» do seu destino: morto? vivo? se vivo, onde?

A imprensa francesa matou Rimbaud mais do que uma vez antes da terça-feira 10 de Novembro de 1891 em que ele de facto faleceu em Marselha, numa cama de hospital; assim como depois desta data agora e logo o deu por vivo, aqui ou ali. Ele foi, sucessivamente ou ao mesmo tempo, para os seus cronistas e noticiaristas, mercador de porcos no Aisne, rei duma tribo de negros algures em África, ou simplesmente um negreiro, e várias coisas mais...

A 2 de Julho de 1892, os leitores do diário *O Repórter*, leram naturalmente com curiosidade, isto que trazia a secção dos «Ecos & Notícias» sob a epígrafe *Arthur Rimbaud*: «Está em Lisboa o aplaudido e vibrante poeta francês, Arthur Rimbaud, que é imediato do brigue *La Bécasse*, chegado ontem ao Tejo, vindo da Austrália, onde Rimbaud é proprietário e lavrador. — Escreve em francês, e nasceu a bordo de um navio francês, mas é filho de uma portuguesa da ilha da Madeira, e de um alemão. Mais ainda, é casado com uma senhora portuguesa, de Bombaim, D. Luísa Noronha, filha de um antigo governador de Goa, D. Pedro de Noronha, da casa Anjeja. — Arthur Rimbaud é um robusto homem, ainda muito moço. Tem quatro filhos, o mais velho dos quais, Neva Rimbaud, de 13 anos, acompanha o pai constantemente. Madame Rimbaud reside com sua mãe e os três restantes filhos numa herdade-quinta dos arredores de Melbourne, onde a família tem as suas plantações de algodão, e abundantes rebanhos de merinos. — Damos as boas-vindas ao notável poeta.»

Não; não se trata, pelo que toca ao jornalista, de brincadeira de mau gosto. Fosse ou não o imediato do brigue *La Bécasse* homónimo do autor do «Bateau ivre», o certo, absolutamente certo, é que a embarcação em causa entrou no Tejo no 1.º de Julho de 1892. E também se admitirá, é quase rigorosamente seguro, que a esta data o «aplaudido e vibrante», o «notável poeta» francês (mas não o «robusto homem, ainda muito moço», imediato de *La Bécasse*) já era lido, senão no *Reliquaire*, num ou noutro exemplar das *Poésies* editadas por Léon Vanier (Dezembro de 1891). Não esqueçamos que em fins de Maio, ou antes de meados de Junho, de 1892, foi posto à venda o livrinho de poemas-paródias *Nós Todos*, com que Eugénio Sanches da Gama [1864-1933] entra no coro das troças ao nosso Simbolismo. Ora esse livrinho assina-o ele com o pseudónimo de Estefânio Rimbó: *Estefânio*, na ortografia de então Estephaneo, de Stéphane (Mallarmé), e *Rimbó*, de (Arthur) Rimbaud. Ambos os precursores dos simbolistas franceses já eram, pois, tido também (ou mesmo declarados) entre os mestres dos nossos.

Aqui chegado, naturalmente surgirão as interrogações. Em 1892 o conhecimento da obra de Rimbaud seria razoavelmente vasto em Portugal? Ao ponto de quem redigiu a notícia d'*O Repórter* ter lido alguma coisa dela?

Para já, é fora de dúvida que o jornalista nunca metera os olhos nas *Poésies*. O volume traz uma notícia biográfica de Rimbaud, suficiente para o ter livrado de confusões. Mas Eugénio de Castro, Carlos de Mesquita, o decadentista José de Lacerda, admito que Eugénio Sanches da Gama (afinal companheiro iniciado dos simbolistas de Coimbra), os componentes do Cenáculo Nefelibata do Porto (Raul e Júlio Brandão, D. João de Castro, Justino de Montalvão, Igo de Pinho, Celso Hermínio, Alberto de Oliveira), Armando Navarro, António de Oliveira Soares, ainda outros, as conheceriam, ou mesmo possuiriam. Se bem que só a partir de 1893 os nossos críticos ligados ao movimento simbolista, em Coimbra, no Porto, nos Açores, bem menos em Lisboa, comecem a juntar com crescente insistência o nome de Rimbaud aos já bastante discutidos de Baudelaire, Verlaine, Villiers de l'Île Adam, Huysmans, Moréas, Kahn e Ghil, e ao de Mallarmé (sem falar de Leopardi, Poe e Ruysbroeck o Admirável, e também Antero, e Manuel Bernardes e Frei Agostinho da Cruz). O que não sucederá é vir alguém afirmar-se publicamente seu discípulo; enquanto em 1891 António de Oliveira Soares declarava, repetindo aparentemente com Moréas, «só reconhecer como Mestre o divino Stéphane Mallarmé» (carta a Cândido de Figueiredo, in *O Português*, 22 de Março). E se fôssemos a avaliar, a meu ver desacetadamente, mestrados pelo aparecerem traduções, o de Rimbaud bastante tempo esperaria: até quando Rodrigo Solano nos deu, com fidelidade e felicidade, «A minha boémia» (1905) e «O dorminhoco do vale» (1907).

(Já agora, marginalmente, diga-se que Solano, activo como poeta desde antes de 1896, não foi insensível à sedução do que traduzia; como também não, assim me parece, o seu amigo António Patrício; e, mais tarde embora, o Metzner que tentou uma espécie de glosa às «Voyelles»)

Está visto! Desviei-me, sem bem dar por isso, do «mistério Rimbaud» versão ou variante portuguesa. Encontrei-o vivo em Lisboa em 1892; agora, nesta mais divagação que outra coisa (para ensaio, não chega), importa que ponha a outra descobertazinha: que também em Portugal o poeta foi... morto antes de morrer.

Já notei que a última «Crónica de Paris» de Xavier de Carvalho n' *A Província* foi publicada a 14 de Janeiro de 1890. Precisamente nela é que diz o frequentador dos meios decadentistas-simbolistas franceses constar que Rimbaud morrera na Pérsia. Fala aí da sua obra, da fama que já a acompanha. Refere *Les Illuminations* (pela primeira vez?), dizendo que o livrinho não só se esgotou como se tornou inencontrável. Uma vintena de linhas de gostosa leitura.

E, agora, que mais dizer de Rimbaud, já sem «mistério», em Portugal? Se toda a gente o sabe... Do «Bateau ivre» [1871], publicou-se uma tradução, em 1947 (a de A. Herculano de Carvalho [1899-1986], na *Musa dos Quatro Idiomas*), e a de *Une Saison en Enfer* 'Uma Época no Inferno', que Mário Cesariny de Vasconcelos terá começado pouco depois (então, mais surrealisticamente, *Uma Cerveja no Inferno*), viria a imprimir-se passados treze anos.

Mas será tudo?...

VOGAIS

A negro, *E* branco, *I* rubro, *U* verde, *O* azul, vogais

Hei-de um dia cantar vossa origem latente:

A, o negro dum veludo onde o enxame fervente

Das moscas diga a podridão, sombras letais;

E, tendas a alvejar, a névoa lactescente,

Brancois reis sobre a neve e lanceiros irreais;

I, sangue aos borbotões, riso em lábios mortais,

O vermelho da raiva ou duma dor pungente;

U, vibração do mar nos verdes horizontes,

Paz dos pastos sem fim, paz das rugas nas fronteiras

Dos que sondam da ciência os íntimos refulhos;

O, supremo clarão em que estridulam brados,

E o silêncio em que passa um anjo, Aléns povoados,

— *O*, o Ómega, essa luz violeta dos seus Olhos!

(Versão de Pedro da Silveira)

Em vez de versão, a estas «Vogais» talvez melhor caberia a classificação de paráfrase ou interpretação. Chamar-lhe tradução, de novo, seria caso de se trazer a terceiro a locução castigadora: *Tradutores, traditores*.

Não sou o primeiro a verter ou interpretar em língua portuguesa este soneto de Rimbaud, que o escreveu supõe-se, em 1871, dos 16 para os 17 anos, e que pela primeira vez será publicado, por Verlaine, com o ensaio sobre os *Poètes Maudits*, na revista *Lutèce*, de Paris, número de 5-13, de Outubro de 1883. Com efeito, já o verteu para português o poeta neo-simbolista brasileiro Onestaldo de Pennafort, e parece que também outro seu compatriota, Celso Vieira. Uma das versões corre em dois livros antológicos: nas *Obras-primas da Poesia Universal*, selecção e notas de Sérgio Millet (Martins, São Paulo, 3.ª ed. 1963), onde está atribuída a Onestaldo de Pennafort, e na *Poesia de França – Antologia de Poetas franceses (Do Século XV ao Século XX)*, selecção e notas de R. Magalhães Júnior (Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1966), em que passa por ser de Celso Vieira — em ambas com o primeiro verso estropeado. E não quero deixar de dizer que, de Pennafort ou de Vieira (inclino-me a que seja do primeiro, mas que haverá realmente a do outro — e daí a baralhada dos nomes), esta minha lhe deveu sugestões, sobretudo na solução rítmica dos tercetos.

Pedro da Silveira

O Comércio do Porto, 10 de Fevereiro de 1970.